

As Tapeçarias da Casa da Cultura no Bairro de St^a Bárbara: *Guerra Colonial e 25 de Abril*

As tapeçarias da Casa da Cultura dos trabalhadores da Quimigal

A Casa da Cultura da Baía do Tejo é um espaço emblemático não só na vida de todos os ex-trabalhadores do complexo industrial, mas também de todos os Barreirenses. Nela, estão expostas duas grandes tapeçarias que compõem a sala de espetáculos e carregam em si não só a história de uma época de transição da vida das fábricas, mas também a de dois acontecimentos importantes na história de Portugal, o 25 de abril e a guerra colonial (Imagem 1).

Para melhor interpretação das tapeçarias, e o contexto em que foram criadas, precisamos recuar na história e ir ao encontro da própria história do edifício que as alberga, o antigo Cinema Ginásio no Bairro Operário de St^a. Bárbara.

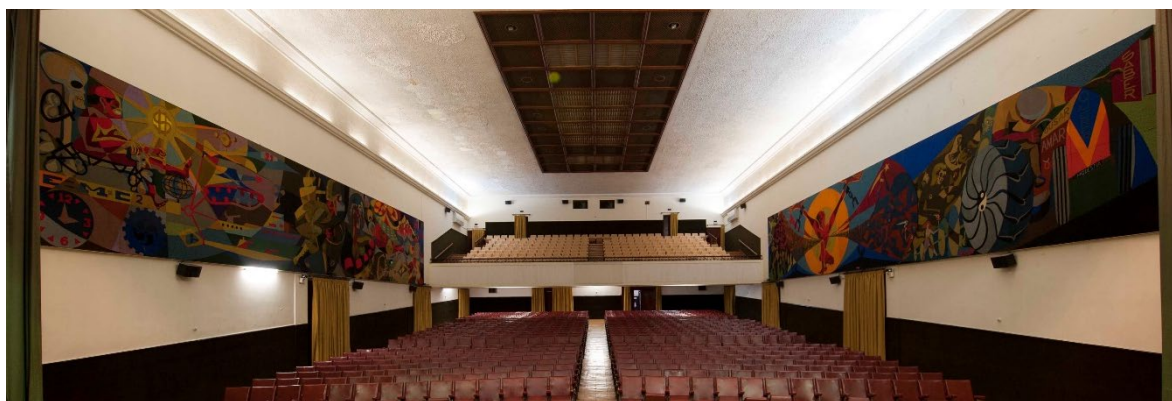


Imagem 1

A atividade cultural no complexo industrial: o Grupo Desportivo da C.U.F.

A vida nas fábricas do maior complexo industrial do país movimentava não só os seus trabalhadores como também as suas famílias. Num território com grande dimensão e dezenas de fábricas, foi criada em paralelo uma grande estrutura social que geria diferentes áreas, nomeadamente a habitação, a área da saúde e a área cultural.

O Grupo Desportivo da C.U.F. é outra grande estrutura que tem a sua génese em grupos com diferentes atividades culturais. Não só o trabalho fazia parte da vida de todos os trabalhadores como o lazer vinha a ganhar um espaço muito importante, década após década.

No ano de 1937 o Grupo Desportivo da C.U.F. é fundado, tendo sido criado os estatutos próprios para a Delegação do Barreiro. A sede do Grupo Desportivo situava-se em Lisboa, existindo uma outra delegação no Porto.

Em 1938 é inaugurado o Campo de St^a. Bárbara, ao lado do Bairro, do qual faziam parte o campo de futebol, basquetebol e ténis, todos ao ar livre. Com várias modalidades desportivas, não só para os trabalhadores, mas também para os filhos destes, são muitas as modalidades criadas e chegando a ter destaque em grandes competições nacionais e internacionais.

O aumento de atividades, bem como de participantes, vem criar a necessidade de um espaço coberto com condições para as modalidades de ginástica e de cinema que até então eram ao ar livre. Será neste contexto que vem a ser criado o Cinema Ginásio no Bairro Operário de St^a Bárbara.

De Cinema Ginásio da C.U.F. a Casa da Cultura dos trabalhadores da Quimigal

Logo após a morte de Alfredo da Silva eram já muitos os projetos anunciados, de âmbito social, para o complexo industrial do Barreiro. No *Álbum de 1945* vem referenciada a autorização da construção “(...) de cinema e ginásio, que terá 20x15 metros, e no qual haverá também bufetes, vestiários, chuveiros e quarto para o professor de educação física”. Este novo projeto (Imagens 2 e 3) iria trazer para o Grupo Desportivo maiores condições para a execução da modalidade de ginástica e a possibilidade de uma sala de espetáculos.

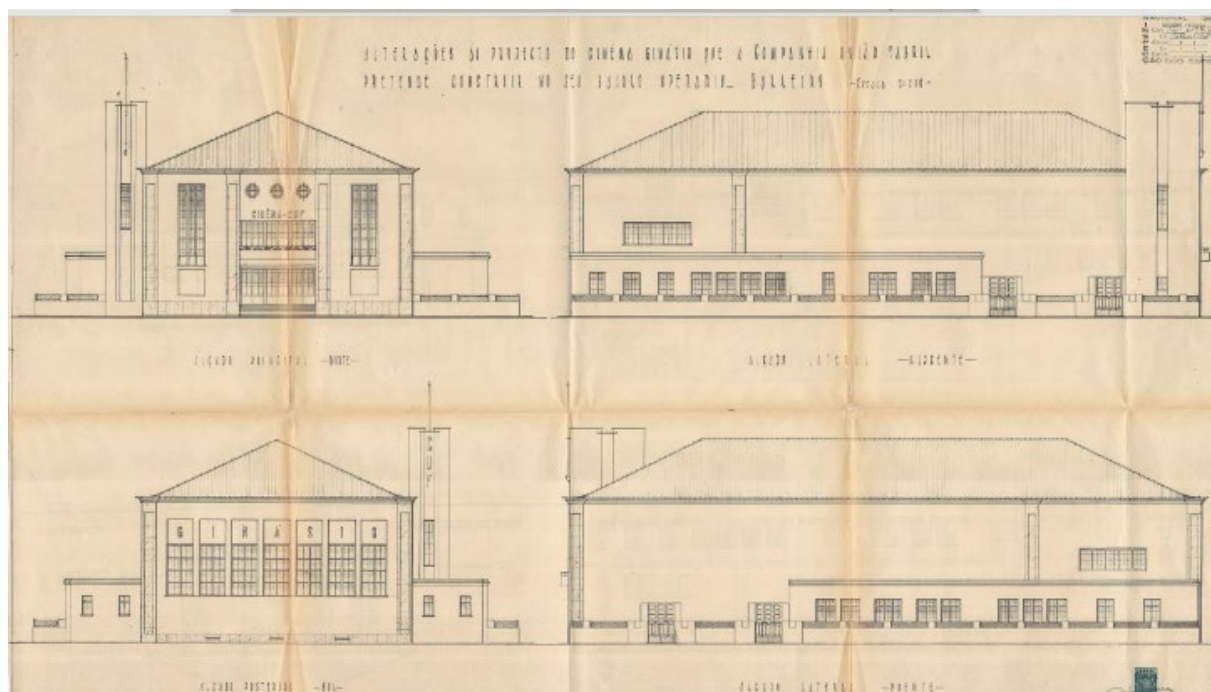


Imagem 2

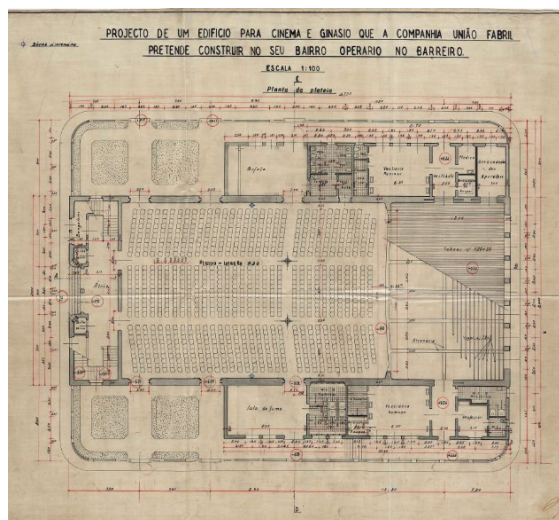


Imagem 3



Imagem 4

Após várias alterações ao projeto inicial, com o cunho do engenheiro civil da C.U.F. Fernando Monjardino, em março de 1949, o cinema ginásio é finalmente concluído.

De acordo com um jornal local, o Cinema Ginásio foi inaugurado a 13 de junho de 1949. “Assim, inaugurou, ontem oficialmente, no Barreiro, o novo cinema-ginásio, destinado aos seus operários. (...) o novo cinema-ginásio é uma das maiores salas de espetáculos da província e a que reúne melhores condições para desenvolver as duas modalidades: recreio e cultura física” (Imagem 4).

Nessa mesma notícia vem referido que o cinema ginásio dispunha de 1225 lugares (Imagem 3), recebendo inúmeros espetáculos, teatros, festivais internacionais de cinema amador, festa da empresa, aulas de ginástica, entre outras.

No ano de 1973 sai a informação que “A C.U.F. decidiu suspender a atividade do seu Cinema Ginásio, no Barreiro, a partir da próxima época cinematográfica” (Informação Interna, outubro de 1973, p.8). Esta decisão, ainda no decorrer da mesma informação, prendeu-se com a crise do setor, culpando o surgimento da televisão, a construção de outros cinemas próximos, as exigências do espetador por melhores condições e, o facto de terem sido demolidos fogos no bairro, diminuiu o seu público.

O investimento para este espaço teria gastos avultados, quer na substituição de equipamento, bem como na reparação das instalações, como referiu o Eng. Rola Pereira na dita informação interna.

Imagem 3 – Projeto do Cinema Ginásio. Planta da plateia. Arquivo CMB.

Imagem 4 – Interior da Sala do Cinema Ginásio com 1225 lugares. Fotografia de Horácio Novais.

Será neste contexto que o cinema ginásio irá ganhar uma nova função. São retiradas as cadeiras para transformar o espaço em armazém da Mompur (empresa associada da C.U.F.), com materiais dispersos pela plateia, palco e balcão (Imagem 5).

A indignação surge por parte da comissão dos trabalhadores questionando tal autorização, onde saiu o destaque na revista de informação interna de junho de 1976, “como era... e como ficou”, e onde foi aberto um inquérito para apurar responsabilidades da transformação de uma “(...) casa de teatro e de ginástica, num grande ARMAZÉM DE FERRO, (...)”. Com esta alteração, grande parte do recheio (máquinas de projetar, plateias e outros utensílios) foi vendido.



Imagem 5



Imagem 6

Devolver a dignidade a este espaço foi um dos objetivos da comissão de trabalhadores da Quimigal. São então iniciadas as obras de reconstrução do espaço, entre 1975/76, devolvendo à sala uma nova alma. A disposição da sala foi alterada, tendo agora apenas um corredor central de acesso aos lugares na plateia. “Dado que todo o recheio tinha sido vendido, houve a necessidade de adquirir novos equipamentos, desde máquinas de projectar, cadeiras, panos de cena, etc” (Informação Interna, julho/ setembro de 1977, p. 7).

No dia 2 de julho de 1977 a Casa da Cultura é inaugurada, referida como Casa da Cultura dos Trabalhadores da C.U.F.. Poucos meses mais tarde, passa então a Casa da Cultura dos Trabalhadores da Quimigal (Imagem 6).

José Santos Zoio, o autor

José Maria Monteiro dos Santos Zoio nasceu em 1939 na cidade do Porto. Desde pequeno mostrou uma aptidão natural para as artes. Aos 6 anos começa a fazer os seus primeiros desenhos e aos 11 anos escreve o seu primeiro poema. Desde então esteve envolvido em diferentes projetos, com uma passagem pela rádio, presença em revista com alguns dos seus textos e algumas exposições onde mostrou os seus trabalhos na área das artes plásticas.

Iniciou a sua carreira profissional aos 16 anos, como designer gráfico, numa agência de publicidade no Porto. Passou por algumas empresas relacionadas com a indústria têxtil, sendo elas: Fábrica têxtil de Vizela, Fábrica Cavalinho em Guimarães, Ibertêxtil, Riopel e Fábrica do Mindelo.

Vai ser como trabalhador da C.U.F. que vai fazer as grandes tapeçarias para a Casa da Cultura, trabalhando na Divisão de Têxteis Para o Lar (Imagem 7) no edifício da Sede da empresa, na Avenida 24 de Julho. Iniciou o seu trabalho na C.U.F. com um estágio em Ansião, trabalhando diretamente com o Eng. Alves dos Santos, colaborando em diferentes áreas, nomeadamente no estudo dos materiais e na tinturaria. Em Lisboa, trabalhou na secção de investimentos e evolução do produto nessa mesma Divisão.



Imagem 7



pequenas porções de variadas alcatifas ÇUF produzem
TAPEÇARIA MURAL

Imagem 8

Para além das duas obras expostas na Casa da Cultura, é também autor da tapeçaria que se encontra no auditório do Museu Industrial. Esta tapeçaria, intitulada de “O Mecânico” (Imagem 8), foi a primeira a ser realizada e esteve exposta na Divisão de Têxteis Para o Lar. Intitulada como “(...) «O mecânico», que «procura expressar o progresso tecnológico da humanidade nos últimos séculos»”.

Nos anos 80 colabora na remodelação da revista interna, passando esta a chamar-se Contacto Quimigal. A par desta nova imagem, contribuiu com desenhos, capas, siglas e poemas. Assina os seus trabalhos como “Santos Zoio”.

Imagem 7 – Almoço de Confraternização da Divisão de Têxteis Para o Lar, em fevereiro de 1974. Arquivo pessoal de “Santos Zoio”.

Imagem 8 – Tapeçaria “O Mecânico”, exposta na Divisão de Têxteis Para o Lar. Excerto retirado da Revista de Informação Interna, dezembro de 1973. CDMIBdT.

A indústria têxtil: a C.U.F. e as tapeçarias



Imagem 9

A indústria têxtil entra no mundo da C.U.F. desde muito cedo. Com a necessidade de fabricar sacos para embalar os seus adubos, no caso do Barreiro, esta indústria começa junto das fábricas de adubos na zona sul. Será já nos anos 30 que esta área de produção terá um desenvolvimento exponencial com a introdução da fição, ficando assim o ciclo completo de transformação da juta.

A par da sua necessidade dos sacos, a C.U.F. transfere no início dos anos 30 a produção de tapetes e passadeira da fábrica do rato para o Barreiro (Informação Interna, março de 1974, p.21). As especialidades começam a ganhar um maior relevo, com as carpetes (Imagem 9), e outros artigos têxteis, chegando a empresa a ter lojas próprias com os seus produtos.

Será na década de 60 que esta área de produção, dentro da indústria têxtil, passa para Ansião. No ano de 1965 é lançada a primeira pedra para a construção desta nova unidade fabril e, de acordo com o Relatório e Contas da empresa de 1966, a fábrica é inaugurada.

Os têxteis da C.U.F. eram uma referência, pela sua diversidade e pela sua qualidade.

Do pedido à ideia: os estudos a aguarela

Na sequência da recuperação da Casa da Cultura, a Comissão de Trabalhadores da Quimigal convidou Santos Zoio a fazer dois grandes painéis, em tapeçaria, para figurarem nas laterais da sala principal.

“Santos Zoio” já tinha realizado então o trabalho “O Mecânico” que seguia uma ideia de futuro e liberdade de pensamento. No contexto político que se vivia em Portugal, a mudança estava patente em todas as áreas. A iconografia destes trabalhos é precisamente o reflexo de dois momentos marcantes.

De acordo com o autor das obras, teve liberdade total, quer na escolha dos temas, quer na sua criação. A proposta foi feita à dita Comissão, que prontamente aceitou os temas Guerra Colonial e 25 de Abril. Estávamos na presença de dois factos históricos que ainda agitavam na sociedade portuguesa.

As ligações aos movimentos que surgiam depois do 25 de abril, com novas ideias e sempre com o cunho da liberdade, fervilhavam também no seio fabril, conseguindo perceber através das “revistas de informação interna” (Imagens 10 e 11) uma nova dinâmica e abordagem a temas até então nunca falados.



Imagem 10



Imagem 11

O estudo a aguarela, para cada uma das tapeçarias, à escala de 1:10., demorou uma semana a ser executado. Apresentou os estudos à Comissão de Trabalhadores que prontamente aprovaram a ideia. Iniciaram-se os trabalhos na Fábrica Sol, em Lisboa. Esteve dedicado a tempo inteiro a este trabalho, que foi executado em 6 meses. Teve a ajuda dos colegas da fábrica que lhe disponibilizaram os restos dos materiais. Esteve dedicado a este trabalho em exclusivo, não havendo qualquer pagamento pelas tapeçarias.

Foram utilizados restos de alcatifas de várias qualidades (naturais, sintéticas, algumas com desenhos). Pedaco a pedaco, seguindo a técnica *patchwork*, foram colados com cola de contacto. Foram os maiores trabalhos que realizou neste tipo de materiais. Cada tapeçaria tem 5 metros de altura por 15 de comprimento. São constituídas por painéis de 1 metro por 1 metro, e presas apenas com quatro parafusos às cantoneiras e às travessas de madeira. No total setenta e cinco painéis compõem cada uma das obras.

Santos Zoio indicou como seria feita a montagem, veio posteriormente ver os trabalhos expostos, referindo que fizeram um bom trabalho e colocaram tudo de acordo com as suas indicações.

Imagem 10 – Capa da Revista *Contacto Quimigal, dos trabalhadores para os trabalhadores*, junho/ julho de 1980. CDMIBdT.

Imagem 11 – Revista *Contacto Quimigal, dos trabalhadores para os trabalhadores*, agosto/ setembro de 1980, p. 6. CDMIBdT.



Imagem 12



Imagem 13

Imagem 12 - Estudo a aguarela – Guerra Colonial, arquivo Santos Zoio. Núria Silva/ Baía do Tejo.

Imagem 13 – Estudo a aguarela – 25 de abril, arquivo Santos Zoio. Núria Silva/ Baía do Tejo.

Guerra Colonial



Imagem 14

A grande dimensão das tapeçarias conjugadas com a riqueza das cores, dão uma grande monumentalidade à cena nelas projetada, parecendo uma grande pintura. A temática sobre a guerra colonial estava bastante presente na época e na vida do artista. Santos Zoio esteve na guerra em Angola, na zona leste, cerca de três anos. No tempo em que esteve lá desenhou as cartas militares do território, sendo um importante auxílio para os militares no reconhecimento do terreno.

No que diz respeito à tapeçaria, mantém-se fiel ao seu estudo, no entanto são alterados apenas alguns apontamentos de cor e dois ou três motivos que não figuram no trabalho original. Cores vibrantes dão vida a este trabalho que representa o capitalismo. Segundo o autor, foi o capitalismo que causou a guerra colonial.

A leitura da tapeçaria faz-se da esquerda para a direita.

Em detalhe, e de acordo com a numeração:

1 – O capitalismo sentado numa cadeira de ossos, com o pé esquerdo em cima do globo terrestre, representado o poder e, com a influência do dinheiro, representado pelo cifrão (\$). Por debaixo da cadeira está a equação física $E=mc^2$ (relação da transformação da massa de um objeto em energia, e vice-versa), que representa parte da teoria ou o princípio da relatividade, desenvolvido por Albert Einstein, e um relógio, representando o tempo;

2 – Na sequência do capitalismo varrer tudo, com a ajuda de um avião, um tanque de guerra, um navio, um submarino, e por fim, um soldado, vai passando e destruindo tudo o que encontra à sua frente. O soldado, face aos outros elementos de guerra, está em destaque e enverga toda a indumentária inerente a um cenário de guerra apocalíptico.

3 – A representação do medo e do terror ao serem varridos pelo “capitalismo”, com figuras semelhantes à obra do artista Edvard Munch, “O grito”; estas representam o olhar aterrorizado para o espectador. Nesta área da tapeçaria, sobre as figuras, vê-se um pé gigante que esmaga.

4 – No final da tapeçaria temos a representação de mulheres, uma delas grávida, e crianças, que sofrem com a guerra e nem elas são poupadas. O artista comparou esta representação à situação atual na Ucrânia. No canto superior direito temos letras, H e I, que associadas, representam “confrontos penosos”. A letra A está associada ao chefe de família.

25 de abril

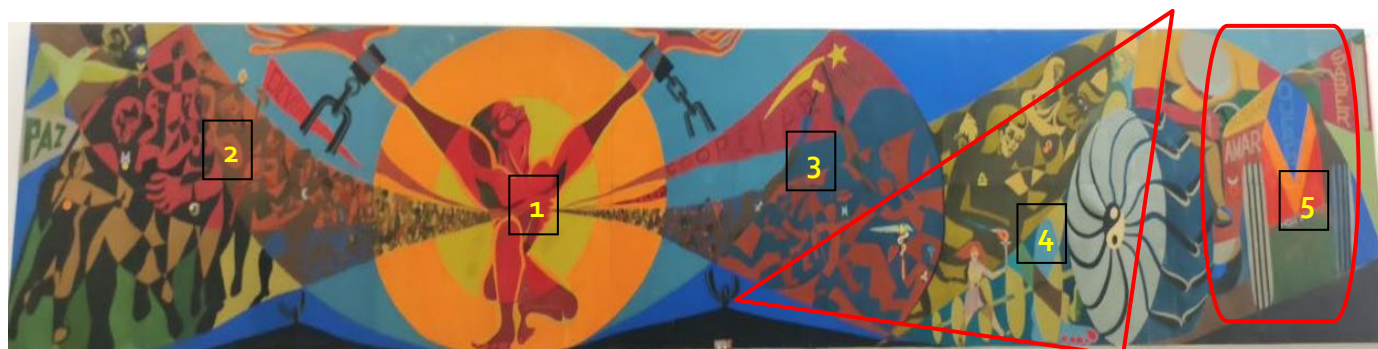


Imagem 15

Na tapeçaria com a temática do 25 de Abril temos uma figura central que desencadeia todo o resto da representação. De acordo com o autor, “saí um jato de liberdade do peito de um homem que se consegue libertar das correntes. Este jato transporta soldados e crianças. Isto é o 25 de Abril”.

A representação surge com algumas palavras distribuídas representativas dos valores da liberdade, sendo elas: paz, dever, cooperar, unir, valor, ousar, amar, modéstia, querer e saber.

Comparativamente com o estudo a aguarela, a tapeçaria ganhou novos elementos e mais cor, como se pode observar na última metade da tapeçaria, do lado direito.

Em detalhe, e de acordo com a numeração:

1 - A cena desta tapeçaria começa quase ao centro, com a figura de um homem que se consegue libertar de uma ditadura de 42 anos, representada através de umas correntes que o amarravam de tudo o que era liberdade. No que diz respeito ao uso da cor, este é um dos pontos de fuga principais, onde olhar do espectador se prende e faz desenrolar a restante cena;

2 – Os soldados e crianças a saírem da pressão, “através do jato que sai do peito do homem”, marchando em busca de “paz”, como surge na frente dessa caminhada;

3 – Novamente a representação “do jato de liberdade”, com a introdução de novos elementos. Em cima saem dois braços, envergando cada um deles um elemento de cariz político do movimento comunista. O martelo e a foice, coroados pela estrela;

4- Outros símbolos representados são a espada e a serpente, unidos, que não surgem no estudo. Estes, representam a “cura”, depois de muitos anos de “doença”, associado à ditadura. Ao lado da espada e serpente, surge uma mulher com uma tocha, possivelmente associado à mitologia grega, devolvendo assim a “luz à humanidade”;

5 – No lado direito da Tapeçaria, comparativamente com o estudo, encontram-se as alterações mais significativas. As cores são mais vibrantes, denotando-se mais as figuras, e no elemento representado, um homem caído sobre um trator, vê-se na roda traseira o símbolo do equilíbrio. Na frente do trator as palavras “Amar” e “Querer”, dão ênfase ao que é necessário fazer para ser livre.

As tapeçarias estão frente a frente, e claramente são dialogantes. Comunicam através da sua temática e complementam-se num ciclo importante da história de Portugal no século XX.

Fontes:

Álbum Comemorativo Companhia União Fabril. CUF. Lisboa: Neogravura Limitada, 1945, p. 21.

Arquivo Câmara Municipal do Barreiro – Espaço Memória.

Currículo de José Monteiro dos Santos Zoio, janeiro de 1976.

Entrevista realizada ao Senhor Santos Zoio no dia 16 de março em Paço de Arcos.

Exposição temporária “Desporto um Património Comum no Complexo Industrial do Barreiro – O Grupo Desportivo da C.U.F.”, Museu Industrial, abril de 2016.

50 Anos da CUF no Barreiro. Coord. SENA, Harrington. Lisboa: Direcção das Fábricas do Barreiro da Companhia União Fabril. s.d.

Informação Interna CUF, outubro, 1973, p.8.

Informação Interna CUF, dezembro, 1973, p.19.

Informação Interna CUF, março, 1974, p.21.

Informação Interna CUF, outubro, 1976, p.17.

Informação CUF, dos trabalhadores para os trabalhadores, julho a setembro de 1977, p. 7.

Jornal o Século, 19 de janeiro de 1965 – Construção da Fábrica têxtil em Ansião.

Notícia num jornal local sobre a inauguração do cinema ginásio. Espólio de José António Marques. Arquivo da CMB, Espaço Memória.

Relatório e Contas de 1966, Relatório do Conselho de Administração, Diário da República, III Série, 25 de Novembro de 1967.

Revista *Contacto Quimigal, dos trabalhadores para os trabalhadores*, junho/ julho de 1980.

Revista *Contacto Quimigal, dos trabalhadores para os trabalhadores*, agosto/ setembro de 1980, p. 6.

Simbologia e numerologia, significados.

Ana Paula Gonçalves
Direção de Comunicação e Marketing
Artigo 004